



**“O QUE AS PESSOAS ACHAM DE NÃO-BINÁRIOS?”: DISPUTAS REPRESENTACIONAIS E COMENTÁRIOS DE ÓDIO NO YOUTUBE<sup>1</sup>**

**“¿QUÉ PIENSA LAS PERSONAS SOBRE LOS NO BINARIOS?”: DISPUTAS REPRESENTACIONALES Y COMENTARIOS DE ODIO EN YOUTUBE**

**“WHAT DO PEOPLE THINK ABOUT NON-BINARY?”: DISPUTES OF REPRESENTATION AND HATE COMMENTS ON YOUTUBE**

*Manoela de Calazans Gonçalves<sup>2</sup>*

*Bianca Salazar Guizzo<sup>3</sup>*

**RESUMO**

Pensando a Internet enquanto espaço educativo onde não apenas experiências, mas representações são compartilhadas, o ambiente virtual se mostra como potente campo de pesquisa para pensar o gênero não-binário. Por outro lado, a Internet facilita e incentiva os discursos exaltados, tornando-se campo propício para os comentários de ódio, principalmente contra minorias sociais. Nesse sentido, este artigo analisa comentários deixados em vídeos de dois canais do YouTube de pessoas não-binárias, focando naqueles que disferem palavras de repulsa contra as *youtubers*. Para isso, este artigo insere-se no campo teórico dos Estudos Culturais em Educação, que enxerga os vídeos no YouTube como artefatos culturais que ensinam diferentes modos de ser e agir, bem como me fundamento em Jeffrey Jerome Cohen (2000) que aproxima a alteridade da monstrosidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero não-binário. YouTube. Comentários de ódio.

<sup>1</sup> Esta pesquisa contou com auxílio financeiro Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PROSUP/CAPES).

<sup>2</sup> Mestranda em Educação. Universidade Luterana do Brasil, ULBRA.

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenadora do PPGEDU/ULBRA.

## RESUMEN

Considerando la Internet como un espacio educativo donde no solo se comparten experiencias, sino representaciones, el entorno virtual se muestra como un campo de investigación poderoso para pensar en el género no binario. Además, la Internet facilita y fomenta los discursos apasionados, lo que la convierte en un campo propicio para comentarios de odio, especialmente contra las minorías sociales. En este sentido, este artículo analiza los comentarios dejados en videos de dos canales de YouTube por personas no binarias, enfocándose en quienes expresan palabras de repulsión contra los youtubers. Para ello, este artículo trabaja en el campo teórico de los Estudios Culturales en Educación, que ve los videos en YouTube como artefactos culturales que enseñan diferentes formas de ser y actuar, así como mi base en Jeffrey Jerome Cohen (2000) quien aproxima la alteridad a la monstruosidad.

**PALABRAS-CLAVE:** Género no binario. YouTube. Comentarios de odio.

## ABSTRACT

Considering the Internet as an educational space where not only experiences, but representations are shared, the virtual environment is shown as a powerful field of research to think about the non-binary genre. On the other hand, the Internet facilitates and encourages passionate speeches, making it a favorable field for hateful comments, especially against social minorities. In this sense, this article analyzes comments in videos of two non-binary people's YouTube channels, focusing on those that express repulse against the youtubers. For this, this article works in the theoretical field of Cultural Studies and Education, which sees videos on YouTube as cultural artifacts that teach different ways of being and acting. Besides, I base my arguments on Jeffrey Jerome Cohen (2000), who approximates otherness to monstrosity.

**KEYWORDS:** Non-binary gender. YouTube. Hate speech.

\* \* \*

## Introdução

Esse artigo busca discutir os comentários de ódio presentes na caixa de comentários de dois canais de pessoas de gênero não-binário no YouTube, a partir do campo teórico dos Estudos Culturais em Educação. Dessa maneira, os vídeos do YouTube são compreendidos como artefatos culturais e, a partir das pedagogias culturais, existe nesses vídeos um caráter pedagógico na medida em que podemos enxergar processos educativos que ensinam determinadas formas de ser, de se ver e de agir, bem como atuam na constituição de subjetividades e identidades de diferentes sujeitos. De acordo com Paula Deporte de Andrade e Marisa Vorraber Costa (2015), as pedagogias culturais expandem e multiplicam o entendimento sobre pedagogia, bem

como explicam o caráter pedagógico da vida social e cultural. Assim, permitem-nos pensar como pedagógicos os locais para além das instituições formais de educação.

Para análise, foram selecionados dois canais de *youtubers* não-binárias<sup>4</sup> que abordam o tema da não-binariedade de gênero. Destes canais, foram selecionados 14 vídeos no total, escolhendo aqueles que tratassem, diretamente, sobre o gênero não-binário<sup>5</sup>. Para análise desses vídeos, foram tomados como material analítico os comentários deixados em cada um.

O *YouTube* pode ser pensado como uma plataforma destaque da arquitetura da participação (JENKINS, 2006) que incentiva a interação entre os/as usuários que se dá, principalmente, através dos campos de comentários. Além disso, a Internet é um ambiente propício para discussões ou monólogos exaltados, seja com mensagens que exaltam e louvam algo ou alguém, quanto com mensagens de ódio e palavras de repulsa, razão pela qual esse torna-se um campo rico de análise sobre os chamados comentários de ódio.

Para estabelecer o que se entende, nesse artigo, como gênero não-binário, trazemos uma breve discussão sobre gênero e alguns autores centrais para o estudo desse conceito. O conceito gênero emerge na segunda onda feminista<sup>6</sup> dos países ocidentais, dos anos 1960 e 1970. Esse período histórico para o movimento feminista foi marcado pelo reconhecimento da necessidade da produção de um desenvolvimento teórico que apoiasse e fundamentasse a insurgência contra a subordinação e opressão das mulheres. Assim, foi também com a segunda onda feminista que foram trazidos para a academia temas antes considerados apenas de âmbito privado, como vida familiar ou sexualidade, entre outros. Entretanto, muitas estudiosas desse período, bem como ainda algumas feministas contemporâneas, entendiam o gênero como a leitura social do sexo, compreendido biologicamente. Hoje, estudamos que, assim como o gênero, o sexo

---

<sup>4</sup>Uma das *youtubers* dessa pesquisa utiliza pronomes femininos, enquanto a outra afirma não ter preferência de pronome, podendo ser masculino, feminino ou pronome neutro. Nesse artigo, refiro-me a ambas a partir do pronome feminino.

<sup>5</sup>Todos os vídeos analisados para essa pesquisa foram tomados como artefatos culturais e estão disponíveis para o público na plataforma YouTube. Ambas *youtubers* foram contatadas e informadas sobre a pesquisa.

<sup>6</sup>Para contextualizar as ondas feministas, baseio-me em Meyer (2003) que aponta que a história do movimento feminista em geral se referencia a uma primeira e segunda ondas desse movimento. A primeira se centra, principalmente, em torna do movimento sufragista que perdura, no Brasil, até a conquista da possibilidade de voto às mulheres, na constituição de 1934. A segunda onda se inscreve nos anos 1960 e 1970 nos países ocidentais, inserida no contexto dos movimentos de contestação europeus e dos movimentos de oposição à ditadura militar no Brasil. Ao explanar didaticamente as ondas, Meyer (2003) ressalva a trajetória rica e multifacetada do feminismo que, desde a primeira, conta com uma multiplicidade de vertentes políticas.

e o corpo são construções socioculturais. Nesse sentido, Dagmar Meyer (2003) ressalta os processos educativos implicados na construção do gênero. Segundo a autora, educar abrange um complexo de forças e processos, para além das instituições formais de educação, no qual indivíduos são transformados e aprendem a se reconhecer como homens e mulheres (MEYER, 2003. p 17). Da mesma maneira, os indivíduos podem não se reconhecer em nenhuma dessas “lições” sobre as maneiras de ser homem ou mulher.

Nos últimos anos, pesquisadoras como Guacira Lopes Louro têm se dedicado aos estudos *queer* (LOURO, 2004), assim denominados para se reapropriar do termo inglês *queer*, outrora usado como ofensa contra aqueles de sexualidade ou gênero que desviassem da norma. Internacionalmente, o nome de destaque é a filósofa estadunidense Judith Butler. Em “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (2003), Butler discute que gênero, ao lado das categorias binárias de sexo e corpo, atua criando um efeito de natural e inevitável. Segundo a filósofa, “A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito” (BUTLER, 2003, p. 24). Constrói-se, nesse processo, a inevitabilidade da correspondência entre sexo, corpo, gênero e sexualidade, criando corpos inteligíveis dentro da matriz heterossexual que regula a sociedade. Ainda nesse sentido,

Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas (BUTLER, 2003, p 38).

Assim, enxerga-se aqueles que não se encaixam nessa matriz como ilógicos, ou seja, incoerentes com a definição de pessoa. A partir disso, o objetivo desse artigo é analisar comentários que corroboram esse posicionamento, através do *YouTube*, quando frente a frente à existência de pessoas do gênero não-binário. Para isso, esse artigo está estruturado em outras cinco seções: na primeira, são apresentados os procedimentos metodológicos empreendidos nessa pesquisa; na segunda, abordamos o conceito de representação, bem como retomamos o conceito de gênero e gênero não-binário; na terceira, apresentamos o *YouTube* enquanto campo de pesquisa, bem como os canais

analisados; na quarta, apresentamos as análises da pesquisa e na quinta, as considerações finais.

### Procedimentos metodológicos

O primeiro canal analisado neste artigo é de Bryanna Nasck, que se apresenta como mulher trans não-binária e reside na cidade de Tatuí, em São Paulo. Além de ter ganhado notoriedade com seu canal do YouTube, Bryanna também tem um significativo número de seguidores no Twitter e no Instagram<sup>7</sup>. O segundo canal é o de Cup, uma jovem estudante de publicidade e propaganda que se afirma como agênero<sup>8</sup> e reside em Aracaju, no Sergipe. Cup teve acesso às discussões sobre não-binariedade a partir de conteúdos e pessoas estrangeiras que já falavam sobre o tema na Internet, enquanto no Brasil ainda pouco se falava sobre isso. Em troca de e-mails que realizamos com Cup, ele citou Judith Butler como sua principal influência teórica.

Em um mapeamento inicial dos canais, observou-se que ambas youtubers tratam de assuntos bastante diversos. Bryanna Nasck, por exemplo, conta com 206 vídeos<sup>9</sup> em seu canal, passando por relacionamentos, cabelo e maquiagem, corpo e saúde mental, gênero e sexualidade, entre outros. Já o canal de Cup tem 124 vídeos<sup>10</sup>, que também abordam uma diversidade de temas, como estilo, cabelo, séries, linguagem, gênero e sexualidade. Dado o alto número de vídeos dos dois canais somados, e considerando que muitos, por abordarem outros assuntos que não o gênero não-binário, não trariam elementos suficientes para análise, foi necessário fazer um recorte. Assim, - voltamos primeiro para aqueles que indicavam, desde o título do vídeo, tratar da não-binariedade de gênero.

A pesquisa aqui empreendida caracteriza-se como análise cultural e, como tal, utiliza-se de diferentes campos teóricos e metodológicos. De acordo com Steffen, Henriques e Filho (2000), ela permite uma profunda investigação contextual trazendo aspectos políticos, econômicos e sociais que evidenciam a interdependência da mídia em relação às instâncias da sociedade, pois considera a cultura como produção material que articula a dinâmica da totalidade social. Portanto, a análise cultural configura-se

<sup>7</sup> Enviei um e-mail para ambas *youtubers* apresentando a pesquisa e solicitando, caso elas concordassem, algumas informações básicas sobre si e sobre o canal para eu trazer para a dissertação. Bryanna não respondeu o e-mail, portanto suas informações pessoais são o que obtive de suas redes.

<sup>8</sup> Para Cup, agênero é uma identidade que está englobada pelo gênero não-binário.

<sup>9</sup> Em 22/08/2021.

<sup>10</sup> Em 22/08/2021.

como análise política, conjuntural e articula produção e consumo cultural (MORAES, 2016. p 29). Segundo Ana Luiza Coro Moraes (2016), a análise cultural busca deslocar-se da estruturação política e econômica, mas busca investigar essa estruturação nas expressões da vida social (p 30). Assim, pesquisadores que utilizam a análise cultural entendem que, a partir da análise da cultura e da mídia de determinado tempo e espaço, pode-se compreender a situação política daquele contexto. Com isso, ganham importância artefatos do cotidiano das pessoas, como jornais, revistas, programas televisivos e mídias digitais (WORTMANN, 2007).

Dessa maneira, acho importante ressaltar e contextualizar, ao menos brevemente, o momento histórico político que vivenciamos. Vivemos no Brasil, já há alguns anos, um processo histórico de onda conservadora e fortalecimento da extrema-direita que se faz presente em diversos âmbitos da sociedade, o que vai desde políticos ultraconservadores ganhando força à hostilização de minorias sociais. A repulsa por tudo aquilo que é diferente encontra respaldo entre aqueles que ocupam os cargos de poder. O presidente Jair Bolsonaro, em discurso feito em 2020, afirmou que “quem tem que fazer valer a sua vontade é a maioria. Porque, se não, a gente tem que inverter tudo aqui no Brasil”<sup>11</sup>. Evidencia-se a falta de compromisso com os direitos daquelas pessoas que escapam da norma e, dessa forma, validam-se as violências cotidianas praticadas contra esses sujeitos. Em 2014, ainda antes de ser eleito presidente, Bolsonaro disse considerar pessoas homossexuais como “fruto do consumo de drogas”<sup>12</sup>. Nessas falas do presidente, além de relegar as minorias à marginalidade, está mais do que subentendido o desprezo à comunidade LGBTI+<sup>13</sup>. Infelizmente, não é de se surpreender a violência tangente contra essa parcela da população no Brasil. Pensando nesse cenário, e considerando a contextualidade radical dos Estudos Culturais (GROSSBERG, 2015)<sup>14</sup>, as análises deste artigo devem ser lidas considerando o quadro conjuntural que o país se encontra.

<sup>11</sup> <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-ironiza-defesa-as-minorias-e-sugere-proposta-de-emenda-a-biblia-para-a-esquerda/>. Acesso 21/8/2021.

<sup>12</sup> [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/14/politica/1392402426\\_093148.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/14/politica/1392402426_093148.html). Acesso em 21/08/2021.

<sup>13</sup> Para essa pesquisa, adoto a sigla LGBTI+ para me referir a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Travestis e Intersexuais, com o “+” indicando a diversidade de gêneros e sexualidades que se encaixam na sigla ao escapar da norma cishetero. Opto por deixar de fora o Q, relativo a *queer*, na intenção de, em concordância com Bento (2017), tensionar o uso desse termo para se remeter às experiências latino-americanas e brasileiras.

<sup>14</sup> Segundo Lawrence Grossberg (2015), a contextualidade radical é um dos elementos componentes dos Estudos Culturais, de acordo com a qual se investigam contextos com base em teorias e conceitos cuja utilidade reside em seu potencial de organizar e analisar as características desses determinados contextos. Dessa maneira, os Estudos Culturais se adaptam a partir das demandas do contexto.

Também são trazidos para o processo de análise alguns elementos da netnografia. Robert Kozinets (2014, 2015) define a netnografia como pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo *online*. Participante porque, mesmo não estando diretamente implicado naquelas relações que analisa, o pesquisador é íntimo do mundo *online* e muitas vezes usuário daquelas redes que está investigando - como é o caso aqui, com o *YouTube*. Além disso, Kozinets (2015) nos dá direcionamentos para compreender as relações estabelecidas no campo aqui estudado, ou seja, entre as *youtubers* e o público que as assiste e entre o próprio público, observadas nas trocas de comentários nos vídeos dos dois canais. Segundo o autor, uma importante fonte de relação na Internet é o compartilhamento de interesses comuns. Se esses interesses comuns são um tópico polarizado, cria-se uma relação de “nós versus eles”. Nesse sentido, os comentários aqui analisados são espaços de disputas polarizadas onde indivíduos que não se conhecem se colocam de um mesmo lado a partir de seus interesses e crenças em comum.

Assim, optamos pela utilização da netnografia para ressaltar a importância da mediação das redes sociais digitais nessa pesquisa, compreendendo que as interações ali colocadas se diferem de interações face a face. Pois, apesar de não ser o objeto principal, o componente *online* é central para as análises que desenvolvemos. A netnografia, então, surge como uma metodologia para dar conta “dos novos espaços culturais não presenciais que estão sendo constituídos e que vêm modificando o modo de ser, de agir e de estar das pessoas do mundo” (MARTINS, 2012, p. 3).

### **Estudos Culturais e as ferramentas conceituais: gênero, não-binariedade e representação**

Para trilhar o caminho das ferramentas conceituais utilizadas nesse artigo, cabe, primeiramente, trazer uma breve contextualização dos Estudos Culturais (EC). Os EC surgem no panorama pós-guerra da Inglaterra, no século XX. Naquele momento, a cultura passa a ser entendida em sua pluralidade, afastando-se de uma concepção hierárquica e elitista e abrindo, assim, um novo leque de possibilidades. É nesse sentido que os primeiros trabalhos em Estudos Culturais focam suas análises e problematizações nas produções culturais de uma sociedade, visando compreender melhor os padrões de comportamentos e ideias dos indivíduos que nela vivem (COSTA, SILVEIRA, SOMMER, 2003). Tendo isso em vista, os EC não são compostos por um

conjunto uníssono de teorias, mas são, sim, um conjunto de ideias colocadas por autores e pensadores de diferentes vertentes e perspectivas teóricas, compondo o que Marisa Vorraber Costa, Rosa Maria Hessel Silveira e Luís Henrique Sommer (2003) chamam de “tumulto teórico”. Nos próximos parágrafos, apresentamos discussões e argumentações acerca das ferramentas conceituais que elegemos para dialogar com o material empírico utilizado neste artigo.

O conceito de representação aparece em Stuart Hall (2016) como prática central para a produção da cultura. É através das representações que concedemos sentido às coisas, o que evidencia a centralidade desse conceito para os Estudos Culturais. As inúmeras representações com que nos deparamos no nosso cotidiano e nos diversos espaços de mídia com os quais temos contato nos auxiliam a construir e compartilhar sentidos. De acordo com Hall (2016), a representação constrói sentidos através da linguagem, e por linguagem entende-se práticas significantes como textos, imagens, fotografias, música etc. Podemos, também, inserir nesse contexto artefatos de mídias digitais, como os vídeos no *Youtube*. Nesse sentido, a representação é uma prática histórica e cultural, cujos sentidos podem ser modificados de uma cultura para outra ou mesmo em diferentes períodos de tempo. Assim, tanto a representação quanto a linguagem e, por sua vez, os sentidos produzidos através delas, apesar de serem governados por regras e convenções sociais, não são um sistema fechado.

Contribuindo ao interesse desse artigo, Hall (2016) discute a representação do diferente e como ela opera numerosas vezes através de estereotipagem<sup>15</sup>. O autor nos convida a pensar por que a alteridade exerce tanto fascínio e, ainda, como os repertórios de representação da diferença mudam ou permanecem constantes através do tempo. A representação da diferença “envolve sentimentos, atitudes, emoções e mobiliza os medos e ansiedades do espectador em níveis mais profundos do que podemos explicar de uma forma simples” (HALL, 2016. p 140). Portanto, ao voltarmos o nosso olhar para sujeitos que têm a diferença marcada em seu corpo e em suas vivências, cabe valer-mos das análises de Hall (2016) sobre a representação do “outro” - aquele que é diferente, estranho. A representação da alteridade comumente trabalha a partir de

---

<sup>15</sup>Segundo Hall, estereotipagem é uma prática representacional que reduz as pessoas a algumas poucas características simplificadas, essencializando e naturalizando tais características e, posteriormente, exagerando seus traços. Como prática representacional, a estereotipagem é, também, produtora de significados.

opostos binários: o “eles” contra o “nós”<sup>16</sup>. E, nesse sentido, há sempre uma classificação hierárquica entre esses polos<sup>17</sup>. Enquanto um é o desejado – o “normal” –, o outro é o estranho, o diferente, aquele que deve ser repellido, mas que é também necessário para a manutenção da normalidade.

Em sua obra, Butler (2000, 2003) defende o caráter de produção discursiva do gênero. É a partir dessa análise que ela desenvolve seus estudos em torno de gênero como performance, sendo isso uma reiteração de uma norma ou de um conjunto de normas (BUTLER, 2000, p. 121). Tal performance evidencia o gênero como fabricação que se consolida e ganha contornos de natural a partir de atos repetitivos. Ou seja,

a ação do gênero requer uma performance repetida. Essa repetição é a um só tempo reencenação e a nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação (BUTLER, 2003, p. 200).

É justamente nesses atos performáticos que a filósofa aponta a possibilidade de subversão da binaridade de gênero. Entre as repetições, abre-se espaço para as deformidades e evidencia-se o caráter fictício do gênero como identidade fixa. Aliás, para Butler, é precisamente nessas “irregularidades” que se revela o status performativo do gênero (BUTLER, 2003, p. 210). Em “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo” (2000), a filósofa discute novamente a questão da performatividade de gênero, agora focando em seu vínculo com a materialidade do corpo. Para ela, sexo é um ideal cuja materialização é imposta através da reiteração forçada de normas. Nesse texto, Butler não rejeita a noção material de corpo e gênero, mas a condiciona aos efeitos do poder e do discurso. Nesse processo de construção da materialidade, produzem-se e desestabilizam-se as fronteiras do gênero, formando corpos abjetos que não são considerados humanos a partir das normas regulatórias que atuam em sua fabricação.

Por sua vez, Berenice Bento (2017), argumenta que utilizar o termo *queer* no contexto brasileiro carece de sentido, razão pela qual ela prefere falar em “estudos

<sup>16</sup> O “nós”, entretanto, não é uma entidade uniforme. Os casos mais próximos desse estudo são as rupturas existentes dentro da comunidade LGBTI+ ou do movimento feminista. Nesse sentido, podemos citar as divergências e oposições das feministas radicais frente os estudos *queer* ou transviados e a existência de gêneros dissidentes. Cup trata sobre uma dessas disputas internas da comunidade no vídeo “Por que precisamos falar sobre TRANSMED?”, referindo-se à pessoas trans que reconhecem a transexualidade como condição médica e que se opõem a outras pessoas trans que não passam pela experiência da disforia de gênero. Disponível em: <https://youtu.be/AeHDukx7WtQ>. Acesso 22/08/2021.

<sup>17</sup> De acordo com Silva (2000), argumentando sobre as posições do filósofo Jacques Derrida, em uma oposição binária, um dos termos sempre é o privilegiado, restando ao outro uma carga negativa.

transviados” (BENTO, 2017. 131)<sup>18</sup>. Segundo Bento (2017), a maneira que definimos gênero pode, ou não, abarcar pessoas trans - fazemos a observação de que a autora não fala em pessoas não-binárias especificamente, mas entendemos que elas estão inseridas junto com transexuais e travestis dentro do termo “trans”<sup>19</sup>. Foi nessa perspectiva que optamos por utilizar o início deste artigo para discutir o conceito de gênero. É tomando o conceito de gênero que partimos para tensionar o binarismo homem/mulher que fundamenta nossa sociedade.

De acordo com Bento (2017) os pressupostos gerais para aqueles que fazem estudo dentro do que se chamaria de teoria *queer* ou estudos transviados são “1) a negação de identidade como uma essência; 2) o combate ao suposto binarismo identitário; 3) a interpretação do corpo como um lugar de combate e disputa” (BENTO, 2017. p 133). A ressalva que a autora faz, entretanto, é que nenhuma teoria ou campo teórico dá conta das diversas experiências e particularidades de vida das pessoas trans, o que não nos impede de dar a devida importância a estudos que tratem sobre a transexualidade e a não-binaridade de gênero, pelo contrário, motiva-nos a pautá-las nas discussões acadêmicas sobre gênero.

Outro teórico de relevância para essas discussões é o francês Paul Preciado (2014). A sociedade contrassexual de Preciado situa-se fora das oposições homem/mulher, heterossexual/homossexual, masculino/feminino. Nessa perspectiva, supõe-se que o sexo, a sexualidade e o gênero devem ser compreendidos como tecnologias sociopolíticas complexas, escapando de um pensamento que fixa qualquer uma dessas categorias como categorias unicamente biológicas. Segundo o autor,

A natureza humana é um efeito da tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação natureza = heterossexualidade. O sistema heterossexual é um dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade que opera por divisão e fragmentação do corpo... (PRECIADO, 2014. p 25).

Ainda, o autor ressalta que o gênero se dá nas materialidades dos corpos, em contraposição a estudiosos que destacam apenas a discursividade do gênero, negligenciando seu aspecto material. Assim, para além do caráter performativo e

<sup>18</sup> Nesse sentido, concordo com as colocações da autora sobre a problemática de transpor a expressão *queer* para o contexto brasileiro e não busco vincular essa pesquisa à teoria queer.

<sup>19</sup> Por esse motivo, alguns estudos costumam utilizar a escrita *trans\**, para indicar que não existe um sujeito trans universal, mas sim diversas maneiras de se experienciar gêneros não-normativos ou dissidentes.

discursivo do gênero, é de suma relevância observar a importância de sua materialidade: é no corpo que os gêneros se inscrevem e é, primordialmente, nele que os outros leem o nosso gênero. O gênero

É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico. Foge das falsas dicotomias metafísicas entre o corpo e a alma, a forma e a matéria. O gênero se parece com o dildo. Ambos, afinal, vão além da imitação. Sua plasticidade carnal desestabiliza a distinção entre o imitado e o imitador, entre a verdade e a representação da verdade, entre a referência e o referente, a natureza e o artifício, entre os órgãos sexuais e as práticas do sexo (PRECIADO, 2014. p 29).

Dessa maneira, estudamos e pesquisamos para, em acordo com Preciado, “sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, assim como suas instituições” (PRECIADO, 2014. p 27). Esse artigo, então, insere-se nesse esforço para colocar em foco vivências diferentes de gênero, especificamente a partir de pessoas de gênero não-binário.

### **O youtube e a internet enquanto campos de pesquisa**

*Como conceito, a internet não é uma foto nítida e em alta resolução da realidade; ela se parece mais como uma das manchas do teste de Roschach.*  
Evgeny Morozov

Vivemos na era da Web 2.0<sup>20</sup>, cujas repercussões são importantes destacar nesta seção. As principais repercussões advêm, poderíamos dizer, de seu caráter participativo. Possibilidades de interação como comentários em páginas da web, enciclopédias virtuais colaborativas e os sistemas de classificação dos conteúdos postados na rede por outros usuários, como as “curtidas” ou a seleção de páginas e conteúdos favoritos, são alguns dos elementos formadores da cultura virtual do século 21. Entretanto, essa dinâmica colaborativa não pode ser compreendida como garantia de verdade ou igualdade, como podemos entender pela frase de Morozov (2018) que inicia essa seção. Nesse sentido, não se pode pensar que as relações sociais estabelecidas na internet são planas e estáveis (PRIMO, 2007).

---

<sup>20</sup> Web 2.0 é um termo popularizado a partir de 2004 pela companhia norte-americana O’Reilly Media e significa, segundo seu criador e fundador da empresa, a mudança para uma internet como plataforma, tendo como foco a inteligência coletiva. Disponível em: <http://radar.oreilly.com/2006/12/web-20-compact-definition-tryi.html>. Acesso em 15/03/2021.

Alex Primo (2007) nos convida a pensar que, apesar do fator de mediação tecnológica ser fundamental para pensar as dinâmicas sociais que perpassam a Web 2.0, apenas isso não basta para explicá-las. Nessas dinâmicas, interessa-nos olhar para as interações mútuas mediadas pela rede de computadores. Nesse modelo de interações, importam três elementos que se inter-relacionam: os participantes, a relação e o contexto (PRIMO, 2000). A partir disso, posicionamos as vozes que escutaremos na pesquisa (as *youtubers* cujos canais são foco das análises e os usuários da rede *YouTube* que deixam seus comentários nos vídeos) como participantes, pensamos a relação que se estabelece entre os vídeos, as *youtubers* e os comentários recebidos, e o contexto no qual essas relações são experienciadas. Ainda, Primo (2000) atenta que, na interação que se desenvolve entre os participantes, o relacionamento é construído a partir de um processo de negociação, o que nos é útil para pensar as disputas que discorrem nas caixas de comentários dos vídeos analisados.

O *YouTube* é uma plataforma de compartilhamento de vídeos surgida em 2005 e sediada na Califórnia. Após ser criada por ex-sócios do PayPal<sup>21</sup>, a plataforma foi comprada pelo Google em 2006 e, desde então, opera como uma de suas subsidiárias. Em seu primeiro ano de existência, o *YouTube* já contava com 2 milhões de visualizações diárias e milhares de usuários registrados<sup>22</sup>. Ao longo dos anos, o *YouTube* passa a incentivar financeiramente a criação de vídeos para a plataforma, criando sistemas de parcerias, pagamentos de direitos autorais e anúncios nos vídeos. Em 2007, nasce a versão em português brasileiro do *YouTube* que, em 2020, foi o segundo site mais acessado em todo país<sup>23</sup>. O *YouTube* tem como sua autoproclamada missão “dar a todos uma voz e revelar o mundo”<sup>24</sup>. Além disso, segundo a plataforma, essa missão imbrica-se com quatro pilares: liberdade de expressão, direito à informação, direito à oportunidade e liberdade para pertencer. Hoje em dia, o site conta com uma série de alternativas para seus usuários, desde um estúdio para auxiliar criadores de conteúdo até serviço de streaming para músicas.

O *YouTube* permite que as pessoas que criam seus conteúdos para a plataforma ganhem com isso, através da monetização. A monetização do *YouTube* é a remuneração paga pelas visualizações em cada vídeo e pelos acessos aos anúncios veiculados. Para

<sup>21</sup> O PayPal é uma empresa norte-americana, que opera internacionalmente, de pagamentos online.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/youtube/118500-historia-youtube-maior-plataforma-videos-do-mundo-video.htm>. Acesso em 19/03/2021.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/sites-mais-visitados/>. Acesso em 19/03/2021.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/>. Acesso em 19/03/2021.

que isso seja possível, há que se ter um número mínimo de seguidores no canal e de visualização nos vídeos. Conquistado isso, é possível se inscrever no Programa de Parcerias do *YouTube*, que dá direito à monetização. Fora os anúncios e a remuneração por visualizações, outras maneiras de se fazer dinheiro no *YouTube* são os apoiadores - seguidores que contribuem financeiramente com o canal em troca de algum benefício -, o super chat - quando, em transmissões ao vivo, algum usuário paga para ter sua mensagem divulgada no vídeo -, os seguidores que são assinantes do *YouTube Premium* e a divulgação de produtos ou serviços diretamente no vídeo.

Dentro desse contexto, emergem os *youtubers*, que são essas pessoas que criam conteúdo para a plataforma *YouTube* e ganham certa visibilidade com isso, conquistando seguidores, apoiadores e até fãs. Com isso, os *youtubers* ganham status de influenciadores – ou *influencers*<sup>25</sup> – digitais. As mídias digitais como o *YouTube* permitiram que pessoas ditas “comuns” ganhassem popularidade ao facilitar a produção e divulgação de conteúdo próprio. O compartilhamento de tal conteúdo atrai o público por criar uma sensação de proximidade com o *youtuber* ao mesmo tempo que fornece a sensação de uma vida ideal na qual os espectadores podem projetar seus próprios desejos (MOREIRA, RIOS, 2016. p 8). É nesse contexto que se inserem Bryanna Nasck e Cup, as *youtubers* dos canais aqui analisados.

### Os comentários de ódio

A sensação de anonimato que a Internet oferece pode ser uma das motivações por trás das discussões exaltadas e fervorosas - através, principalmente, dos perfis *fakes* e anônimos<sup>26</sup> (PRIMO, 2007, p. 7) -, por passar às pessoas uma sensação de segurança. Para além disso, observamos, não apenas ao analisar os comentários dos vídeos aqui selecionados, mas também na perspectiva de pessoa que navega nas redes sociais da

---

<sup>25</sup> Segundo Danielle Costa de Souza Simas e Albefredo de Melo de Souza Júnior (2018), o termo *influencer* se refere às pessoas que se destacam nas redes digitais e conseguem mobilizar um número significativo de seguidores, principalmente a partir da divulgação de sua rotina, seus pensamentos e suas preferências.

<sup>26</sup> Um perfil *fake*, literalmente um “perfil falso”, é utilizado na Internet para ocultar a identidade real de alguém e, para isso, pode ser usado as fotos e o nome que a pessoa bem entender. O perfil anônimo é quando o site ou plataforma dá a possibilidade de o usuário deixar um comentário sem estar logado em nenhuma conta, deixando-o em anonimato.

Internet há anos, que tal sensação se propaga mesmo entre aqueles que, aparentemente<sup>27</sup>, utilizam seus dados pessoais para deixar comentários.

Esse tipo de comunicação corrobora e intensifica violências contra grupos marginalizados ao oferecer sensação de liberdade e proteção aos seus propagadores. Os comentários de ódio aparecem como um dos temas do canal de Cup onde, em alguns de seus vídeos, ela lê e responde comentários deixados em redes sociais ou em reportagens sobre a comunidade LGBTI+. Em “O que as pessoas acham de não-binários”<sup>28</sup>, Cup se propõe a ler comentários deixados em uma reportagem sobre jovens não-binários. Segundo ela, faz isso para ilustrar como as pessoas não-binárias são vistas por outras pessoas. A *youtuber* repete isso em “Apareci na BBC e olha o HATE que recebi”<sup>29</sup>, dessa vez lendo comentários deixados em uma reportagem na qual ela mesma aparece. Na reportagem de 2019<sup>30</sup>, Cup e outros brasileiros falam sobre suas vivências como pessoas não-binárias. Segundo ela, fazer a matéria foi uma ótima experiência, mas nem tudo são flores, conforme ela afirma no vídeo:

“Basicamente, ficou mais claro ainda o quão problemático é a visão das pessoas sobre pessoas não-binárias e pessoas trans no geral”  
CUP – “Apareci na BBC e olha o HATE que recebi”

Essa colocação de Cup<sup>31</sup> é reiterada não apenas pelos comentários que ela lê em ambos os vídeos, como também por inúmeros comentários analisados para essa pesquisa, deixados por usuários da plataforma *YouTube* em vídeos, principalmente, da Bryanna Nasck<sup>32</sup>. A opinião de Cup sobre a motivação por trás dos comentários de ódio na Internet vai ao encontro da argumentação feita no início desta seção:

<sup>27</sup> Digo aparentemente pois, na maioria dos casos, não tenho como confirmar se os dados pessoais utilizados na internet por esses perfis são verídicos ou não.

<sup>28</sup> <https://youtu.be/S3TIB9zLVvQ>. Data de postagem: 8/09/2016. Último acesso em 27/09/2021.

<sup>29</sup> <https://youtu.be/ykyXODpyZQ0>. Data de postagem: 13/04/2019. Último acesso em 27/09/2021.

<sup>30</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47675093>. Acesso em 31/07/2021.

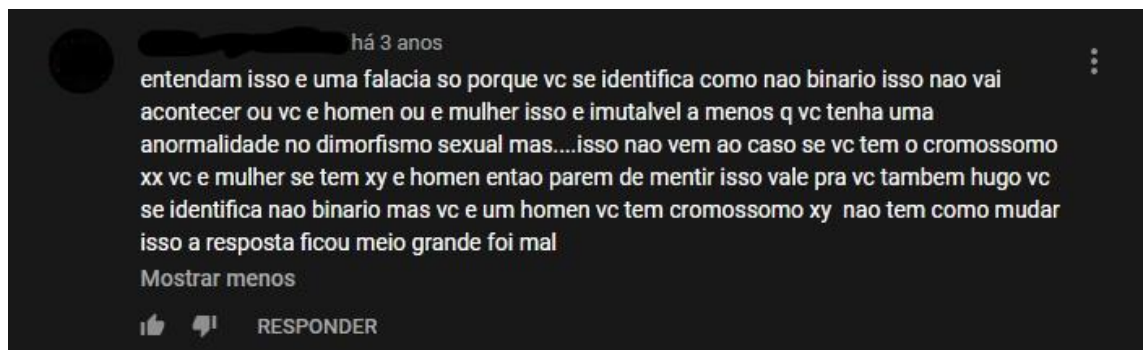
<sup>31</sup> Para destaque e organização, as transcrições dos vídeos aparecerão nessa dissertação em quadros, em estilo itálico e indicando o nome da *youtuber* e do vídeo em questão.

<sup>32</sup> Talvez pela maior visibilidade do canal de Bryanna, os comentários de ódio são muito mais recorrentes em seus vídeos do que nos de Cup. Também há a possibilidade de que Cup tenha apagado os comentários negativos, já que o YouTube possibilita que isso seja feito pelo proprietário do canal.

“Porque, assim, as pessoas gostam de usar a Internet pra falar o que quiser, como se não existisse amanhã (...) Não, porque a Internet protegeu elas!” CUP- “Apareci na BBC e olha o HATE que recebi”

Segundo Zago e Santos (2020), as redes sociais na Internet “intensificam o dissenso antagonístico entre as diferentes opiniões por se constituírem em um espaço compartilhado, em uma esfera de coexistência não necessariamente ‘deliberativa’ (p. 145). Nesse sentido, qualquer discordância ou falta de compreensão torna-se um ataque feroz e direto. Nos próximos parágrafos, analisamos alguns desses comentários, agrupados de acordo com padrões recorrentes de ataque e argumentação.

**FIGURA 1:** Comentário no vídeo “Orientação sexual vs. identidade não-binária”<sup>33</sup> de Bryanna Nasck

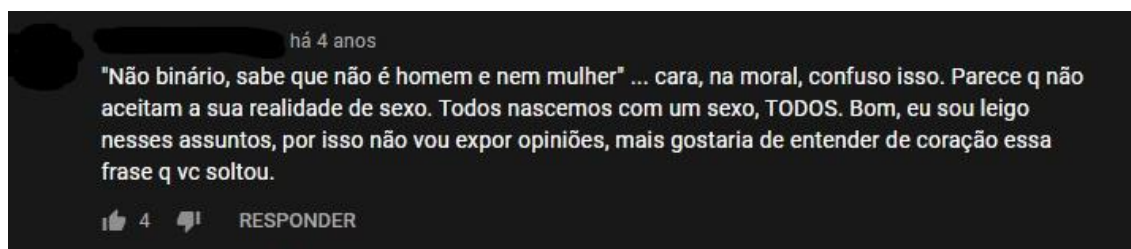


Fonte: Arquivo pessoal. Captura de tela 02/04/2021

Um padrão observado ao ler os comentários deixados nos vídeos é a utilização da biologia como argumento para desvalidar o gênero não-binário. De acordo com a argumentação presente na Figura 1, o gênero é determinado por cromossomos e “não tem como mudar isso”.

<sup>33</sup> <https://youtu.be/R8983bhMuL8>. Data de postagem: 15/05/2016. Último acesso em 27/09/2021.

**FIGURA 2:** Comentário no vídeo “O que as pessoas acham de não-binários” de Cup



Fonte: Arquivo pessoal. Captura de tela 30/07/2021.

Enquanto o usuário da Figura 1 argumenta o que determina biologicamente ser homem e ser mulher, na Figura 2 o usuário simplesmente afirma que “todos nascemos com um sexo”. Interessante notar que, ao mesmo tempo que manifesta sua opinião como verdade, ele mesmo admite que é leigo. Entretanto, acima de qualquer dúvida está o caráter natural e fixo dos únicos dois gêneros existentes: homem e mulher.

Esse artigo adota a perspectiva de que gênero não está definido pela estrutura biológica. Segundo Berenice Bento (2017), gênero não tem a ver com a presença ou ausência de determinadas genitálias ou características sexuais secundárias. Para argumentar que gênero não é determinado biologicamente, Bento (2017) evidencia a quantidade de dispositivos e instituições que reafirmam ostensivamente o que é ser homem e o que é ser mulher - e que é apenas possível ser homem ou ser mulher. Nesse sentido, também os comentários trabalham no sentido de validar o que, segundo esses sujeitos, seria natural para cada gênero, como na Figura 3.

**FIGURA 3:** Comentário no vídeo “Como se descobrir trans não-binário”<sup>34</sup> de Bryanna Nasck



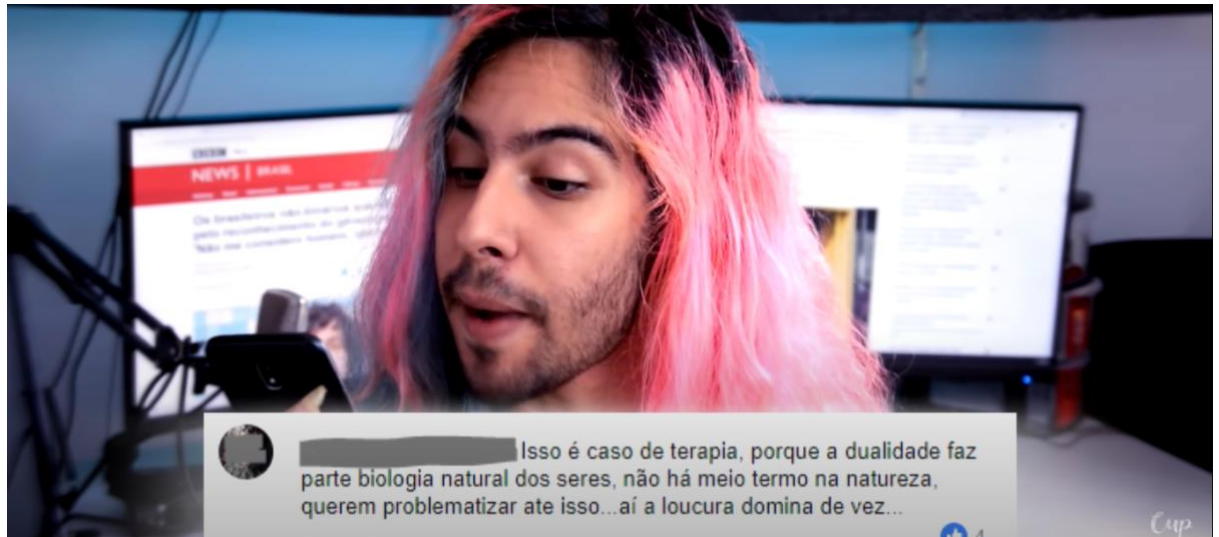
Fonte: Arquivo pessoal - Captura de tela 03/10/2020.

<sup>34</sup> <https://youtu.be/1pEGr3M3idU>. Data de postagem: 9/04/2019. Último acesso em 27/09/2021.

Quando diz “se vc tem cromossomo xx vc e mulher” (Figura 1), o usuário corrobora a ideia de continuidade biológica entre cromossomos sexuais e gênero, que se estende para a correspondência entre corpo, gênero, comportamento e sexualidade (BENTO, 2017; BUTLER, 2019). Entretanto, “O tempo inteiro nós estamos vendo expressões de gênero, vivências de gênero que explodem essa coisa retilínea” (BENTO, 2017. p 110). Assim, ao exporem uma materialidade que se contrapõe a essa correspondência, Bryanna e Cup colocam em xeque a naturalidade biológica do gênero. Dessa forma, surge a necessidade de reafirmá-la, para que esses escapes à ordem permaneçam como uma “anormalidade” ou como uma “falácia” (Figura 1).

Intimamente relacionada à refutação do gênero não-binário a partir da biologia, está o argumento de que, sendo o gênero determinado biologicamente, aqueles que não seguem essa correspondência são pessoas doentes. De acordo com essa lógica, um usuário comenta na reportagem da BBC sobre jovens não-binários (Figura 4), afirmando que a dualidade é natural e biológica dos seres. Portanto, “problematizar ate isso” (Figura 4) é caso de terapia.

**FIGURA 4:** Apareci na BBC e olha o HATE que recebi de Cup



Fonte: Arquivo pessoal - Captura de tela 31//07/2021

Em “A Reinvenção do Corpo” (2006), Berenice Bento posiciona historicamente o termo ‘transexual’ e evidencia como, desde seu surgimento, está ligado ao discurso médico:

Duas grandes vertentes de produção de conhecimento se encontram na temática da transexualidade: o desenvolvimento de teorias sobre o funcionamento endocrinológico do corpo e as teorias que destacaram o papel da educação na formação da identidade de gênero. Estas duas concepções produziram explicações distintas para a gênese da transexualidade e consequentemente, caminhos próprios para o seu “tratamento”. No entanto, a disputa de saberes não constituiu impedimento para que uma visão biologistica e outra, aparentemente construtivista, trabalhassem juntas na oficialização dos protocolos e nos centros de transgenitalização (p 42).

Assim, o discurso patologizador cria, para os gêneros dissidentes - que fogem do binarismo sob o qual se estrutura a sociedade -, uma única possibilidade, que é o tratamento médico e/ou terapêutico. Corroborar-se, então, a ideia de que sujeitos não-binários são “caso de terapia” (Figura 4).

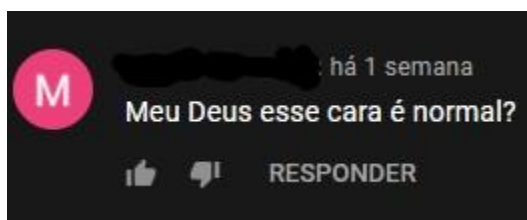
Em 2018, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou o “transtorno de identidade sexual” ou “transtorno de identidade de gênero” de sua Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID)<sup>35</sup>. A transexualidade, entretanto, ainda aparece no CID sob “incongruência sexual”. Ou seja, os gêneros dissidentes não mais aparecem como doença mental, mas ainda se mantêm classificados como doença ou problema de saúde. Nesse sentido, mesmo não mais configurando como problema de saúde mental, o gênero não-binário e a transexualidade são entendidas não a partir de seus próprios termos e pelas vivências dos sujeitos que assim se identificam, mas a partir da lógica cisgênera<sup>36</sup> que os coloca em um lugar de falta e falha (BAGAGLI, 2016) e configura sua anormalidade, como vemos no comentário da Figura 5.

---

<sup>35</sup><https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/junho/organizacao-mundial-da-saude-retira-a-transexualidade-da-lista-de-doencas-e-disturbios-mentais>. Acesso em: 13/08/2021.

<sup>36</sup> “Cisgênero” é uma palavra composta por justaposição do prefixo “cis” ao radical “gênero”. O prefixo “cis”, de origem latina, significa “posição aquém” ou “ao mesmo lado”, fazendo oposição ao prefixo “trans” que significa “posição além” ou “do outro lado”. “Cisgênero” estabelece uma relação de antinomia com a palavra “transgênero”. “Transgênero”, por sua vez, é uma palavra rotineiramente utilizado como forma de designar pessoas cuja auto identificação de gênero não coincide com o gênero atribuído compulsoriamente ao nascimento em virtude da morfologia genital externa” (BAGLAGI, 2018).

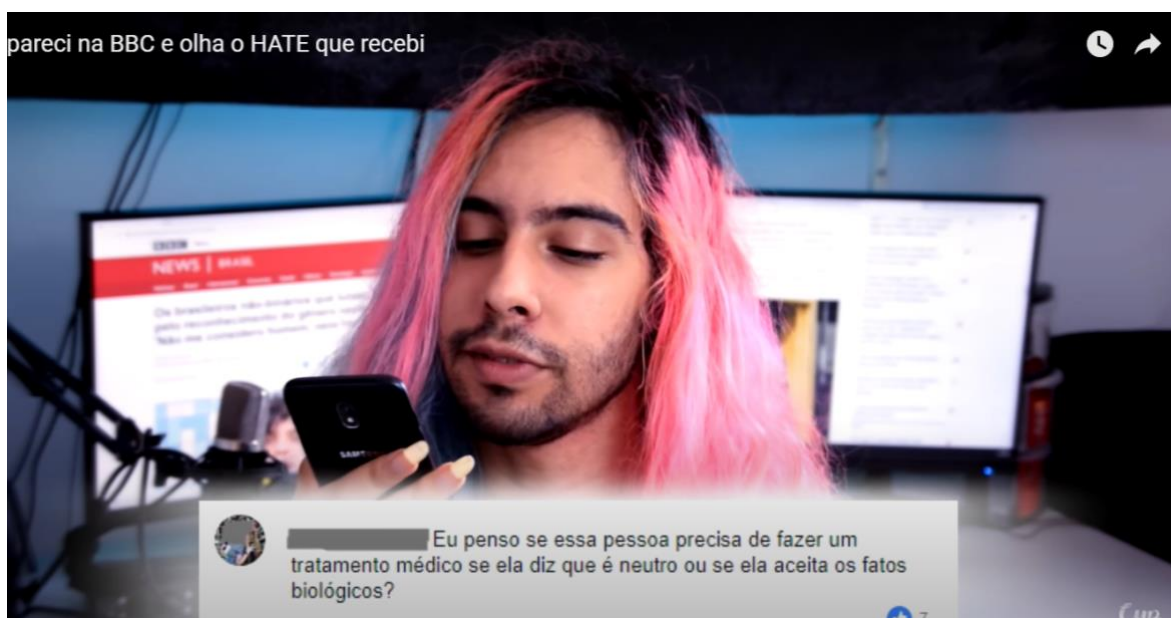
**FIGURA 5:** Comentário no vídeo “TOUR pelo meu corpo TRANS”<sup>37</sup> de Bryanna Nasck



Fonte: Arquivo pessoal. Captura de tela 16/8/2021

Legalmente, o CID possibilita às pessoas transexuais e não-binárias as intervenções cirúrgicas e hormonais que elas desejam através do Sistema Único de Saúde (SUS). Politicamente, ele ainda expressa a visão patológica da transexualidade e da não-binaridade de gênero. Essa posição patologizadora contribui para retirar desses sujeitos a autoridade sobre sua própria vida. A tutela médica e jurídica sobre nossos corpos e vidas além de nos infantilizar e nos despir de nossas capacidades, nos rouba do reconhecimento pleno da nossa existência (BENTO, 2017. p 195).

**FIGURA 6:** Vídeo “Apareci na BBC e olha o HATE que recebi” de Cup



Fonte: Arquivo pessoal. Captura de tela 31/07/2021.

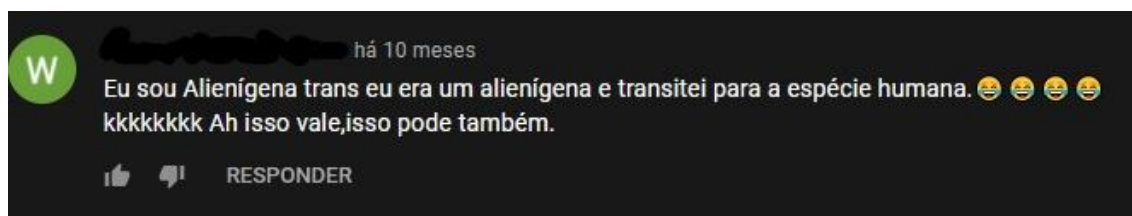
Novamente, na Figura 6 aparecem imbricados os argumentos biológicos e patologizadores. A pessoa – no caso, Cup – e outras pessoas não-binárias que fazem

<sup>37</sup> [https://youtu.be/jvAAvn47Q\\_A](https://youtu.be/jvAAvn47Q_A). Data de postagem: 27/10/2019. Último acesso em 27/09/2021.



Além da anormalidade patológica, alguns usuários caracterizam as *youtubers* como seres dignos de ficção científica. Na Figura 7, o usuário faz referência à série *Transformers*, franquia de ficção científica onde os personagens são robôs alienígenas que se transformam em veículos. Aqui, argumentamos que tais comentários aproximam Cup e Bryanna da monstrosidade, típica daqueles que escapam à norma e ocupam o espaço do Outro. Para isso, apoiamo-nos, principalmente, em Jeffrey Jerome Cohen (2000). Esse autor traz o significado da palavra monstro para argumentar que o monstro é aquele que revela, aquele que adverte (p. 27). O monstro revela a diferença ou, melhor, ele é a diferença<sup>39</sup> que revela a fragilidade sob qual se sustenta o gênero binário e a constituição das nossas identidades como sujeitos (PORTO, 2016. p 165). Os monstros são “(...) híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática” (COHEN, 2000, p. 30). A incoerência de Bryanna e Cup frente à matriz heterossexual as transforma em alienígenas, como também afirma outro comentário analisado (Figura 8).

**FIGURA 8:** Comentário no vídeo “Não-binário é trans?”<sup>40</sup> de Bryanna Nasck



Fonte: Arquivo pessoal. Captura de tela 17/08/2021.

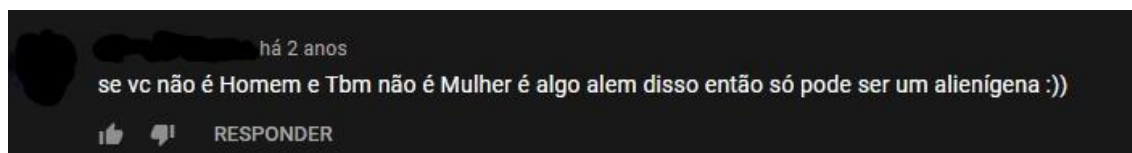
De acordo com Cohen (2000), “o processo pelo qual a exageração da diferença cultural se transforma em aberração monstruosa é bastante familiar” (p. 33). Para ilustrar isso, ele se remete, entre outros, aos habitantes aborígenes de Canaã, na Bíblia e aos muçulmanos tidos como criaturas demoníacas na França Medieval. Assim, em sua alteridade, esses sujeitos adquirem características monstruosas que respaldam sua rejeição. Mais perto do tema deste artigo, Cohen (2000) fala sobre a visita de um cinocéfalo hermafrodita à corte francesa que chega diante do rei para validar a heterossexualidade e marcar a repulsa às práticas de tabus sexuais.

<sup>39</sup> “O monstro é a diferença feita de carne” (COHEN, 2000. p 32).

<sup>40</sup> <https://youtu.be/d9JmXWy2g2M> . Data de postagem: 16/11/2016. Último acesso em 27/09/2021.

Para fomentar a ideia do diferente como monstro, representações são acionadas para posicionar sujeitos no lugar da monstruosidade. A representação é uma prática produtora de significados (HALL, 2016) e, portanto, atua na construção e ratificação da alteridade monstruosa. Hall (2016) estuda a representação da diferença a partir da racialização do outro, mas nos fornece instrumentos para pensarmos o gênero não-binário, pois em ambos os casos há um esforço das práticas representativas de estabelecer a diferença como monstruosidade. Nesse sentido, as representações defendidas pelos comentários nos vídeos analisados apontam as pessoas não-binárias como alienígenas (Figura 7, Figura 8, Figura 9). Tais representações encontram respaldo nos argumentos e discursos vistos anteriormente, que relegam àqueles que não são homens nem mulheres ao não-lugar, pois não pertencem a este planeta visto que “só pode ser um alienígena” (Figura 9). Além disso, são corroboradas pelas representações caricatas de pessoas transexuais na mídia<sup>41</sup>, principalmente de mulheres trans, como a personagem Valéria do programa Zorra Total (Figura 10)<sup>42</sup>, componente de um dos quadros mais famosos da história do programa, que consistia na personagem e sua amiga dentro de um metrô.

**FIGURA 9:** Comentário no vídeo “Sou homem ou mulher ? | identidade não-binária”<sup>43</sup> de Bryanna Nasck



Fonte: Arquivo pessoal. Captura de tela 20/8/2021.

<sup>41</sup>Também são corroboradas pelas representações estereotipadas de pessoas transexuais na mídia, principalmente de mulheres trans, nas quais algumas características são exacerbadas e tomadas por essência daqueles sujeitos. Muitas vezes, como no caso da personagem Valéria, a mulher trans é acompanhada de tom cômico e debochado, ou seja, não é algo a ser levado a sério.

<sup>42</sup> Como mencionado anteriormente, com frequência as mulheres trans e travestis têm sua existência transformada em piada na mídia brasileira. Para apenas mais um exemplo, ver: Travesti Dá Show Na Delegacia - E Fala que é Italiano. [https://youtu.be/vell1q\\_jLmg](https://youtu.be/vell1q_jLmg). Acesso em 23/08/2021.

<sup>43</sup> <https://youtu.be/HdWUCLoli-g>. Data de postagem: 5/02/2017. Último acesso em 27/09/2021.

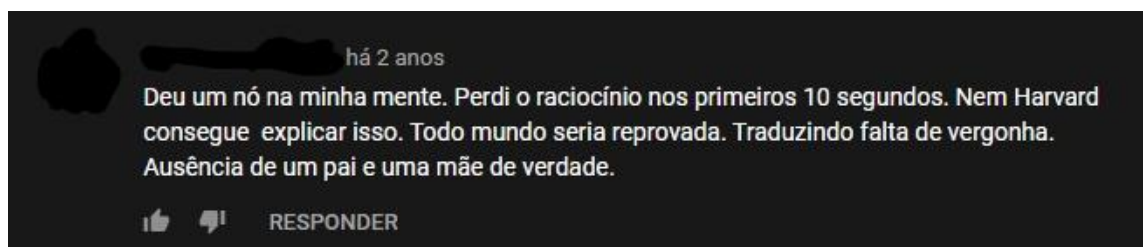
**FIGURA 10:** Valéria e Janete, personagens do programa Zorra Total da rede Globo.



Fonte: [https://istoe.com.br/179367\\_ZORRA+NO+METRO/](https://istoe.com.br/179367_ZORRA+NO+METRO/). Acesso em 23/08/2021.

Segundo Cohen (2000), “o monstruoso é uma espécie demasiadamente grande para ser encapsulada em qualquer sistema conceitual” (p 32). Portanto, ao não encontrarem conceito neste mundo para os monstros não-binários, os internautas os classificam como alienígenas, criaturas de outro planeta, etc. Cup e Bryanna desintegram “a lógica silogística e bifurcante do ‘isto ou aquilo’” (COHEN, 2000, p. 32), não bastando, para falar sobre elas e suas experiências, os conceitos binários que conhecemos. Assim, apoiados pelos discursos e representações hegemônicos, os internautas expressam sua confusão de maneira hostil e associando o que eles acreditam ser a explicação por trás da mentira do gênero não-binário, como vemos na Figura 11. O monstro lhes escapa e, portanto, ratifica sua monstruosidade. O monstro, enquanto corpo abjeto, precisa se negado de sua vida<sup>44</sup>. O monstro não merece palavras gentis.

**FIGURA 11:** Comentário no vídeo “Orientação sexual vs. identidade não-binária” de Bryanna Nasck



Fonte: Arquivo pessoal. Captura de tela 23/08/2021.

<sup>44</sup> “Para que os grupos, com seus corpos passíveis de vidas que importam, sustentem suas vidas frágeis e suas identidades enganosas, torna-se necessário que expulsem e neguem os grupos com seus corpos abjetos” (PORTO, 2016. p 161).

## Considerações finais

A partir das análises empreendidas nesse artigo, é possível observar que a Internet facilita e intensifica o discurso de ódio que se configura como violência contra aqueles que fogem da norma. Nesse contexto, emerge o espaço para os ataques contra os “alienígenas” ou “monstros não-binários” que perturbam e escapam dos conceitos e categorizações que esses indivíduos conhecem (COHEN, 2000, p 30). Segundo Cohen (2000),

Ao revelar que a diferença é arbitrária e flutuante, que ela é mutável antes que essencial, o monstro ameaça destruir não apenas os membros individuais de uma sociedade, mas o próprio aparato cultural por meio do qual a individualidade é constituída e permitida. (p. 40)

Assim, como vimos através dos comentários, o gênero não-binário causa estranhamento e confusão ao não fazer parte dos conceitos e categorizações binárias conhecidas pelos sujeitos. E, nesse sentido, ele é posicionado em um lugar de monstrosidade que deve ser mantido do lado de fora, no exílio, ao mesmo tempo que seduz. Pois “[a]s mesmas criaturas que aterrorizam e interditam podem evocar fortes fantasias escapistas; a ligação da monstrosidade com o proibido torna o monstro ainda mais atraente como uma fuga temporária da imposição” (COHEN, 2000, p. 48).

Portanto, percebe-se que a existência de pessoas de gênero não-binário, como Bryanna e Cup, nos espaços educativos contemporâneos não se dá de forma tranquila e sem disputas. Assim como tantas outras pessoas cuja corporeidade ganha contornos monstruosos, cada exposição torna-se um risco para novas violências, especialmente em um espaço e uma era onde o ódio contra a alteridade ganha, diariamente, mais respaldo.

## Referências

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura**, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, mai./ago.2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/1501/1140>. Acesso em: 05 maio 2021.

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. A diferença trans no gênero para além da patologização. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 5, p. 87-100, maio-out. 2016.

BENTO, Berenice. Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: **Edufba**, 2017. 329 p. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26037>. Acesso em: 05 maio 2021.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. Em: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-166.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão na identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. Em: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **A pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 25-60.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. , n. 23, p. 36-61, maio/jun./jul./ago.2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>. Acesso em: 5 maio 2021.

GROSSBERG, Lawrence. Lutando com anjos: os estudos culturais em tempos sombrios. **Matrizes**, [S.L.], v. 9, n. 2, p. 13, 7 dez. 2015. Universidade de São Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v9i2p13-46>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/111738>. Acesso em: 5 maio 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio : Apicuri, 2016.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

KOZINETS, Robert V. **Netnography: redefined**. SAGE, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINS, T. M. O. A netnografia como metodologia para conhecer o trabalho de professores da cultura digital, 2012. Disponível em: <https://jovensemrede.files.wordpress.com/2012/02/tatiane-marques-de-oliveira-martins-a-netnografia-como-metodologia-para-conhecer-o-trabalho-de-professores-da-cultura-digital-texto.pdf>. Acesso em 14/11/2020.

MEYER, Dagmar. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; GOELNER, Silvana; FELIPE, Jane (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

MORAES, Ana Luiza Coiro. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação, São Leopoldo, v. 4, n. 7, p. 28-36, jan/jun, 2016.

MOREIRA, Thays; RIOS, Riverson. A Construção da Celebridade Midiática no Contexto dos Digital Influencers. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo – SP\_ 05 a 09/09/2016. Disponível em: <https://goo.gl/4hpQhh>. Acesso: 05/09/2021.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech** - a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

PORTO, Tiago da Silva. A incômoda performatividade dos corpos abjetos. **Ide** (São Paulo), São Paulo, v. 39, n. 62, p. 157-166, ago. 2016. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062016000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062016000200012&lng=pt&nrm=iso). acessos em 12 set. 2021

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós**, Brasília, v. 9, p. 1-21, ago. 2007. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/153/154>. Acesso em: 6 maio 2021.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2000.

SIMAS, Danielle Costa de Souza; SOUZA JÚNIOR, Albefredo Melo de. Sociedade em rede: os influencers digitais e a publicidade oculta nas redes sociais. **Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 17-32, jan/jun. 2018.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Análises culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação. Em: COSTA, Maria Vorraber da (Org). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p 73- 92.

ZAGO, Luiz Felipe; SANTOS, Aloha Boeck Arruda dos. Pedagogias da Polarização no Facebook: redes sociais online e urgência opinativa. **Reflexão e Ação**, [S.L.], v. 28, n. 3, p. 133-150, 28 ago. 2020. APESC - Associação Pro-Ensino em Santa Cruz do Sul. <http://dx.doi.org/10.17058/rea.v28i3.14165>.

Recebido em setembro de 2021.

Aprovado em dezembro de 2021.